

AQUISIÇÃO DE ORAÇÕES RELATIVAS PREPOSICIONADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ana Cristina Baptista de Abreu
anacristina.abreu@hotmail.com

1. Introdução

As orações relativas têm sido amplamente abordadas por várias propostas teóricas. Porém, a maioria dos estudos se concentra na produção, espontânea ou controlada, destas estruturas na fala de adultos. Desta forma, poucos trabalhos se concentram na produção de crianças em estágio aquisitivo, sendo esta uma área que precisa ser observada.

As orações relativas restritivas, já amplamente estudadas por Tarallo (1983), Kato (1993) e Mollica (2003), são estruturas usadas para caracterizar um referente. Em outras palavras, sua função pragmática é de especificar um referente em um conjunto. Este referente pode estar em várias posições sintáticas e a depender da posição sintática na qual se insere este referente sua realização pode ter duas ou três variantes, segundo Tarallo (1983). As orações relativas com local de extração não preposicionado, por exemplo, sujeito e objeto direto possuem apenas duas variantes, sendo possível a realização da variante copiadora ou a forma padrão. Já as relativas com local de extração preposicionado, como no caso de objeto indireto, genitivo, complemento nominal, adjunto adverbial possuem três possíveis realizações, sendo uma delas a variante cortadora que não é possível quando o referente se encontra em local de extração não preposicionado. Desta forma, as orações relativas restritivas podem ter sua realização variável, sendo suas variantes:

a) Variante Padrão

Ex: Essa é a boneca de que eu falei.

b) Variante Copiadora

Ex: Essa é a boneca que eu falei dela.

c) Variante Cortadora

Ex: Essa é a boneca que eu falei.

Sendo assim, é objetivo deste trabalho observar as várias realizações das orações relativas restritivas e suas variantes na fala de crianças

em idade pré-escolar para que seja possível o levantamento das estratégias mais comuns na fala infantil. Este trabalho visa também observar na produção espontânea de adultos os tipos estruturais mais utilizados de orações relativas já que estas servem de input para a aquisição da fala infantil. Além disso, outro objetivo deste trabalho é a elaboração de um teste que propicie um estudo da aquisição de orações relativas que ocorrem variavelmente na língua em contexto de mudança linguística, conforme Tarallo (1983).

2. *Pressupostos teóricos*

Tarallo (1983), com base em dados de peças teatrais, cartas e documentos escritos, descreve três possibilidades de relativização para o Português brasileiro, sendo estas a relativa padrão, a relativa copiadora e a relativa cortadora, conforme exemplificado anteriormente.

Segundo Tarallo, ao longo do tempo, a relativa padrão perdeu seu espaço para as relativas copiadoras, e, principalmente, para as relativas cortadoras. Este processo é explicado por Tarallo através de uma mudança que ocorreu no sistema pronominal na qual os pronomes começaram a ser apagados em sintagmas preposicionais enquanto houve um aumento na retenção de sujeitos, demonstrando encaixamento entre as mudanças linguísticas. Desta forma, a “perda de referência pronominal faz com que o sistema se reorganize, marcando outros argumentos sentenciais mais frequentemente”. (TARALLO, 1991, p. 83). Isto é, houve uma mudança que ocorreu no sistema pronominal do Português havendo um crescente apagamento de pronomes nas posições de sujeito, objeto direto, objeto indireto, oblíquo e genitivo. Este apagamento logo interferiu nas estratégias de relativização, principalmente nas relativas preposicionadas acarretando uma redução do uso de pronomes neste tipo de relativa. Assim, de acordo com Tarallo, as estratégias copiadora e, principalmente, a cortadora entraram no sistema da língua Portuguesa substituindo a estratégia padrão, pouco utilizada.

As relativas cortadoras foram observadas por Tarallo (1983 *apud* TARALLO, 1991) em 1725 em textos escritos, porém foi também observado que em 1880 esta estratégia começa a ser mais usada em substituição à relativa padrão, além de competir com as relativas copiadoras, enquanto que já em 1825, o apagamento dos pronomes, aplicável ao sujeito e com menos frequência a objetos diretos, começa a atingir posições sintáticas inferiores como os sintagmas preposicionais. Desta maneira,

percebe-se que as relativas cortadoras aparecem no sistema através de uma mudança sintática nas estratégias de pronominalização como afirma Tarallo (1991).

Ainda segundo Tarallo (1991), os processos formadores das relativas-padrão, e das relativas copiadoras e das relativas cortadoras continuaram os mesmos, isto é, o processo de movimento do sintagma -QU, no caso da relativa padrão, processo de apagamento do sintagma co-referencial, no caso das relativas copiadoras e apagamento do sintagma co-referencial e da preposição, no caso das cortadoras, continuaram a existir apesar de criarem um segundo paradigma. Então, o movimento (referente às relativas-padrão) e o apagamento (referentes às relativas copiadoras e cortadoras) continuaram a existir e a competir.

Portanto, para Tarallo (1983, *apud* TARALLO, 1991), a estratégia cortadora é a mais recente no português brasileiro, sendo esta oriunda de um processo de perda de retenção pronominal, ou seja, com o apagamento de pronomes atingindo as posições de sujeito e de objeto direto, há um favorecimento da estratégia cortadora que surge a partir desta nova organização do sistema pronominal.

Já para Kato (1993), as orações relativas copiadoras são oriundas de uma posição de tópico em que há um elemento em deslocamento à esquerda. Esta é uma posição que pode “ser coindexada com qualquer elemento no interior da sentença”, de acordo com Kato (1993, p. 229).

Assim, conforme Kato (1993), esta estratégia seria menos custosa e por isso mais fácil para os falantes, visto que, por se originar em posição de deslocamento à esquerda, o tópico possui um correferente pronominal no interior da sentença, podendo estar coindexada com qualquer posição dentro da sentença. Além disso, o relativo -Q pode estar ligado a elementos dentro ou fora da sentença. Portanto, a relativa copiadora teria sua origem em uma posição de tópico em que o elemento relativizado tem um correferente na oração relativa e por isso há uma forma pronominal no interior da relativa. Logo, em orações relativas o termo relativizado na posição de tópico e o relativizador se ligam ao seu vestígio na posição de tópico que é correferente ao pronome pessoal no interior da relativa, conforme Kato (1993, p. 229).

Mollica (2003), em seu estudo com base na fala espontânea de falantes moradores da cidade do Rio de Janeiro em duas épocas distintas, observou que as cortadoras são as mais usadas pelos falantes tanto na amostra Censo 80 quanto na amostra Censo 2000 presentes nos arquivos

do PEUL/UFRJ. Além disso, observa também que no caso das orações relativas copiadoras estas estão aliadas a fatores como a distância do referente, desambiguação do referente além da animacidade do referente em referentes mais humanos favorecem a cópia assim como referentes mais distantes do relativizador. Além disso, a relativa copiadora também é usada como estratégia para o esclarecimento de um referente em um contexto em que haja mais de um possível referente. Mollica (2003) observa também que a função sintática do termo relativizado também interfere na utilização ou não da cópia sendo a posição de sujeito a mais favorecedora da cópia.

Assim, em seu estudo, Mollica (2003) observa predominância da estratégia cortadora em ambas as épocas e revela também que a estratégia copiadora é mais frequentemente usada quando seu referente é distante, ambíguo, humano e está preferencialmente em posição de sujeito. Apesar disso, foram encontradas ocorrências de cópia em posição de objeto indireto na amostra mais antiga, o que demonstra que “a anáfora está sofrendo uma reconfiguração no que se refere ao seu encaixamento no sistema do português brasileiro”. (MOLLICA, 2003, p. 133).

Com relação a estudos sobre aquisição destacam – se os estudos de Diessel & Tomasello (2000) e Diessel & Tomasello (2005). Diessel & Tomasello (2000) realizam um estudo com quatro crianças falantes do inglês entre 1,9 anos e 5,2 anos para averiguar sobre as relativas infantis. Seu estudo revela que as relativas são adquiridas em processo gradual em que as primeiras relativas estão presentes em proposições vazias que representam apenas um estado de coisas sendo formadas por verbos copulares. Gradativamente as crianças vão adquirindo orações mais complexas por um processo de expansão de cláusulas.

Outro trabalho também muito importante para os estudos de aquisição de relativas é Diessel & Tomasello (2005). Neste estudo é desenvolvido um teste considerando os locais de extração de sujeito, objeto direto, objeto indireto, oblíquo e genitivo, com objetivo de verificar se as relativas de proposições simples são as mais fáceis para as crianças além de visar também verificar se a posição sintática relativizada facilitaria sua compreensão, considerando a frequência e similaridades estruturais como fatores importantes para aquisição de orações relativas.

Este teste consistia na acuracidade de repetição de orações relativas com diferentes locais de extração e com proposições simples, ou seja, proposições que denominavam um só estado de coisas sendo formadas

por predicados nominais e verbos copulares. Neste estudo verificou-se que as relativas com proposições simples são mais facilmente compreendidas pelas crianças e que a similaridade estrutural é fator importante para a aquisição de orações relativas visto que as orações relativas de sujeito são as mais comuns e mantém a mesma ordem das orações simples da língua, não invertendo a ordem SVO tão comum nas sentenças do inglês.

3. Metodologia

Foram analisados os dados espontâneos de 11 crianças em entrevistas que constam na amostra AQUIVAR/PEUL/UFRJ. Estas crianças foram divididas em três faixas etárias (faixa etária I crianças com 1,11 a 2,06 anos; faixa etária II crianças de 2,10 a 3,4 anos e faixa etária III crianças de 3,5 a 5 anos) conforme a tabela abaixo:

Faixa etária	1, 11-2,06	2,10 - 3,4	3,5 - 5
Nº de Crianças	4	3	4

Tabela 1. Distribuição das crianças por faixa etária

Esses dados de produção espontânea são importantes, pois indicam aspectos do processo aquisitivo das relativas possibilitando assim, o levantamento dos tipos de relativas comuns a fala infantil.

Foram analisados também 23 falantes de adultos moradores da cidade do Rio de Janeiro que constam na amostra Censo (2000)/PEUL/UFRJ. Estes falantes foram divididos em três faixas etárias (de 9 a 14 anos; 15 a 25 anos e falantes com mais de 26 anos, conforme mostra a tabela abaixo:

Faixa etária	9-14	15 - 25	+26
Nº de falantes	4	10	9

Tabela 2. Distribuição dos falantes adultos por faixa etária

Os dados de produção espontânea dos adultos serão importantes para a quantificação da frequência de tipo das estruturas relativas na fala de adultos, já que estas servirão de input para a aquisição. Desta forma, através da análise da produção espontânea dos adultos, pode-se medir qual o tipo estrutural mais frequente que serve de input para a fala infantil.

Além da análise de fala espontânea, ainda foi elaborado um teste de acuracidade de repetição seguindo a metodologia de Diessel & Toma-

sello (2005) em que as três variantes das orações relativas foram incluídas. Este teste tem por base 38 estímulos, sendo estes três sentenças de treinamento para que a criança se acostume com a tarefa do teste, 9 frases distratoras e 26 sentenças-testes com predicados nominais e verbos copulares. Estas sentenças possuem diferentes locais de extração (sujeito, objeto direto, objeto indireto, genitivo e adjunto adverbial) assim como no experimento de Diessel & Tomasello (2005) com a diferença que, no presente estudo, todas as variantes do português brasileiro são incluídas.

Estas sentenças estão organizadas através da metodologia do quadrado latino que consiste em oferecer aos sujeitos do teste as mesmas estruturas, porém com diferentes estímulos. Isto é, todos os sujeitos do teste serão expostos às variantes-padrão, copiadora e cortadora nos locais de extração de sujeito, objeto direto, objeto indireto, genitivo e adjunto adverbial. Sendo assim, foram formadas três listas cada uma contendo as relativas com os cinco locais de extração cada uma delas com suas variantes possíveis para o português, sendo estas, padrão, copiadora e cortadora para os referentes em posições sintáticas preposicionadas e padrão e copiadora para referentes em *locus* sintático não preposicionado. Com isso, cada criança terá acesso a todas as estruturas possíveis na língua através de diferentes estímulos. Portanto, este experimento revelará as estruturas que estão presentes na gramática das crianças, uma vez que estas só conseguirão compreender e repetir com acuracidade orações que já estão presentes em sua gramática.

4. Resultados

Através da análise da produção de fala infantil não foram encontradas orações relativas nas crianças pertencentes à faixa etária mais baixa. Com relação às outras faixas etárias foram encontradas duas relativas sendo uma produzida por uma criança de 2;10 anos e outra por uma criança de 5 anos:

– Relativa Cortadora de Objeto Direto:

Cr: Eu gosto que ela canta//com as crianças que ela gosta (2;10 anos)

– Relativa Cortadora de Adjunto Adverbial:

Cr: Tem uma mesa perto da minha janela que eu estudo sozinha! (5 anos)

Como se pode observar, as orações encontradas estão de acordo com os estudos de Diessel & Tomasello (2005) visto que a oração produzida pela criança mais velha apresenta-se em uma proposição simples

corroborando o fato de estas serem as estruturas adquiridas primeiramente pela criança.

Com relação à produção espontânea dos adultos temos a seguinte distribuição dos tipos estruturais encontrados:

Sujeito	593	48%
Obj. Direto	281	23%
Adj. Adverbial	246	20%
Obj. Indireto	83	7%
Pred Sujeito	13	1%
Genitivo	8	0,6%
C. Nominal	2	0,1%
Pred. Objeto	2	0,1%
Total	1228	100%

Tabela 3. Distribuição dos tipos estruturais encontrados na fala dos adultos

Através da tabela acima, pode-se observar que das 1228 orações relativas observadas, a maioria dos dados são de orações relativas com local de extração no sujeito sendo este tipo o mais frequente até o presente momento.

5. Conclusão

No presente estudo foram encontradas duas orações relativas produzidas por crianças de faixa etária mais elevada. Do ponto de vista qualitativo estas relativas foram compatíveis com os estudos de Diessel e Tomasello (2000) não só por uma delas se assemelhar em estrutura às relativas encontradas em seus estudos, mas também por estarem em conformidade com o tipo estrutural mais frequente na língua, como afirma Tarallo (1983) e Mollica (2003) Assim, as relativas das crianças parecem reproduzir o tipo estrutural mais frequente na fala dos adultos, ou seja, a variante cortadora. Além disso, uma das orações relativas de encontradas na fala infantil tem proposição simples manifestando um só estado de coisas como afirma Diessel & Tomasello (2000).

Conforme mencionado, o teste elaborado conforme a metodologia de Diessel & Tomasello (2005) irá contribuir para a observação e análise das estruturas variáveis em processo de mudança linguística no período de aquisição linguística, sendo a aplicação do teste o próximo passo deste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIESSEL, H. On the role of frequency and similarity in the acquisition of subject and non-subject relative clauses. In: GIVÓN, Talmy; SHIBATANI, Masayoshi (Eds.). *Syntactic Complexity*. Amsterdam: John Benjamins, 2009, p. 251-276.

DIESSEL, H.; TOMASELLO, M. A The development of relative clauses in spontaneous child speech. *Cognitive Linguistics*, 11, p. 131-151, 2001.

DIESSEL, H.; TOMASELLO, M. A new look at the acquisition of relative clauses. *Cognitive Linguistics*, v. 81, n. 4, p. 882-906, 2005.

KATO, M. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Unicamp, 1993.

MOLLICA, M. C. Relativas em tempo real no português contemporâneo. PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: O português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Unicamp, 1993.